

## Perfil do artista

---



**Edgar Franco**

Nós



**Perfil escrito por Danielle Barros Silva Fortuna**

Bióloga formada na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestre em Ciências pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz) e doutoranda em Ensino de Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz). Artcientista e IV Sacerdotisa da Aurora Pós-Humana.



O dossiê Arte Sequencial desta edição da Revista Nós traz como homenageado o grande artista transmídia Edgar Franco, conhecido também como Ciberpajé. É sempre desafiador mergulhar na arte do Ciberpajé Edgar Franco e é impossível fazê-lo sem o risco de me perder - embora não faça nenhum esforço em evitar o devaneio. Mas antes de começar a tecer comentários sobre sua vida e obra, para quem não o conhece, cabe fazer uma breve apresentação sobre como nos encontramos no caminho da arte.

Conheci Edgar Franco durante um evento de quadrinhos na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, no ano de 2012, e assistindo à sua apresentação, notei instantaneamente que se tratava de um ser incomum, múltiplo, complexo e inquietante. Olhei encantada a imagem projetada de sua arte na conferência que ele ministrava e perguntei-me “quem fez isso?”. Ele usava cartola e roupas não convencionais, e na sequência de sua apresentação fiquei impressionada quando ele explicou à plateia que ele era um “Ciberpajé”, – nome com o qual se rebatizou em seu aniversário de 40 anos de idade. Sem saber ainda do que se tratava, primeiro achei engraçado e curioso, pois em um evento acadêmico nunca havia imaginado – sobretudo por eu vir de uma área considerada “*hard*” que são as ciências biológicas - que presenciaria alguém dizendo que se “declarou um Ciberpajé”. E mais surreal ainda foi ouvir um comentário de uma pessoa ao meu lado, dizer com certa indignação, de que ele “não poderia se declarar Ciberpajé”. Fiquei refletindo, “mas se foi ele que inventou, claro que ele pode declarar-se o que quiser!”. Porém, no contexto da academia sabemos que para alcançar os títulos é preciso cumprir os rituais, seja para obtenção de grau de mestre, doutor, pós-doutor, titulações que ele tem inclusive, porém, a de Ciberpajé, foi uma titulação que ele mesmo se atribuiu como uma transformação de vida através da arte, e mesmo sendo algo criado por ele, gerou (e ainda gera) incômodo em algumas pessoas que não estão abertas ao novo e à mensagem que ele nos provoca.

E como foi essa transmutação em Ciberpajé? Prestes a completar 40 anos de vida, Franco vivenciou uma espécie de “crise existencial” e decidiu reavaliar seus valores enquanto ser humano. Como parte desse processo iniciou uma contagem regressiva que começou 10 dias antes do seu aniversário, e a cada dia ele desenhou e escreveu uma “chave”, nomeando-as de as “Chaves da Transmutação”, que significavam valores importantes para o artista. Foram 10 chaves ao todo, e a chave final foi concluída no dia 20 de setembro de 2011, data de seu aniversário em que declarou seu renascimento simbólico como “Ciberpajé”. Na manhã

desse dia ele gravou um single com o mesmo nome como celebração, criado e gravado em um único take.

Esse termo significa a junção do CIBER + PAJÉ. O sufixo “pajé” foi escolhido porque para Franco a figura do pajé (xamã) é emblemática, o pajé tem a capacidade de conectar-se diretamente com a natureza para modificar a realidade, ela mistura os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentais ao mundo “real” e ele consegue reestruturar a realidade mixando esses mundos. Ele é alguém que busca a cura, busca a harmonia, o equilíbrio. O prefixo “ciber” vem da cibernética e foi agregado ao “pajé” porque denota a conexão e troca de informações entre seres vivos e seres vivos, mas também entre seres vivos e máquinas, incorpora ainda as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para aos exercícios criativos de conexão entre mundos que ele cria. Além disso, por ser um estudioso do pós-humano e das ciberartes, tais influências compõem a construção do termo.

Essa coragem de ser me encantou e intrigou, e no mesmo evento que nos conhecemos, adquirei quadrinhos e livros sobre Franco. Desde então comecei o mergulho em suas criações, e há cinco anos tenho me especializado como pesquisadora de sua obra, que se converte em dezenas de resenhas, artigos acadêmicos, criações em parcerias em HQs, capítulos de livros, organização de livro de aforismos e coautoria em um livro sobre processos criativos de quadrinhos poético-filosóficos publicado pela Editora Marca de Fantasia em 2015. Essa aproximação com sua obra e ideário me valeu a nomeação, concedida por ele, de IV Sacerdotisa da “Aurora Pós-humana” – tornando-me parte de seu universo ficcional transmídia.

Sua obra profícua envolve quadrinhos, ilustrações, música, performances multimídia, aforismos, instalações interativas, web arte, capas de CDs, DVDs, capas de periódicos acadêmicos, fanzines, livros, videoclipes, HQtrônicas, HQforismos, que podem ser conferidas nas imagens selecionadas para ilustrar o dossiê, entre outras expressões artísticas e experimentais, mixando diversas técnicas.

É importante pontuar que, esse renascimento como Ciberpajé denota ser mais do que uma ação performática nos múltiplos meios artísticos criados pelo artista, uma vez que após a declaração, Franco assumiu a nova identidade de Ciberpajé trazendo essa nova condição para o dia a dia, transformando o ato performático em vida. Isso significa que ele se apresenta como Ciberpajé nos diversos ambientes reais e virtuais pelos quais trafega, desde eventos acadêmicos, a entrevistas para veículos de mídia, na sala de aula como professor, em redes

sociais, no currículo Lattes, a eventos solenes como cerimônias de formatura, etc. Com isso, Franco delega à arte o papel primordial de promover a autotransformação na busca da própria estruturação como ser, ser integral, e em segunda instância busca contaminar positivamente as pessoas ao redor no sentido de buscarem sua integralidade. Seu posicionamento enquanto ser-artista faz lembrar muito do também multitalentoso chileno Alejandro Jodorowsky (com seus filmes, livros, teatro e atos psicomágicos) que aborda, assim como Franco, as questões humanas mais profundas em suas criações, e principalmente atua na perspectiva de “arte como cura”.

Mas ter coragem de ser em um mundo formatado e normótico não é tarefa trivial. Em certos espaços Franco é uma figura controversa e para alguns, é visto como um “ruído”, mas aqueles que mergulham e se interessam de fato, não ficando na primeira impressão, têm a chance de conhecer a mensagem e reflexões profundas que o Ciberpajé traz sobre a vida em suas criações.

Em uma apresentação mais formal, cabe mencionar que Franco além de artista transmídia, tem pós-doutorado em arte e tecnociência pela UnB, é doutor em artes pela USP e mestre em multimeios pela UNICAMP. Como criador de histórias em quadrinhos está entre os pioneiros e é um dos principais nomes do gênero poético-filosófico no Brasil. Publicou suas HQs em revistas como Quadreca, Brazilian Heavy Metal, Nektar, Metal Pesado, Quark, Mephisto (Alemanha), Dragon's Breath (Inglaterra), AH BD! (Romênia), além de álbuns como Agatha, Transessência e Elegia, publicados pela editora Marca de Fantasia. Em 2009 recebeu o Troféu Bigorna, premiação nacional de quadrinhos, por sua revista "Artlectos e Pós-humanos #3", título também editado pela Marca de Fantasia. Em 2013 lançou pela Editora UFG o álbum "BioCyberDrama Saga", parceria com Mozart Couto que concorreu ao Troféu HQmix.

Além de criador é também pesquisador de quadrinhos com dezenas de artigos publicados e dois livros de referência na área: "História em Quadrinhos e Arquitetura", com segunda edição publicada em 2012, e "HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet", resultado de extensa e pioneira pesquisa a respeito de quadrinhos digitais e hipermediáticos, com segunda edição publicada em 2008. Em 2015 lançou o livro "Processos Criativos de Quadrinhos Poético-filosóficos: A Revista Artlectos e Pós-humanos", parceria com Danielle Barros. Em 2016 teve a segunda edição do álbum "BioCyberDrama Saga", sua parceria com

Mozart Couto, publicada pela editora UFG, desta vez em uma versão ampliada, com epílogo inédito e capa dura.

Vale ressaltar que suas obras já foram motivo para pesquisadores escreverem dois livros acadêmicos analisando-as, e tema de dezenas de artigos de pesquisadores de várias universidades do país. Seu álbum “BioCyberDrama Saga” é um dos objetos de análise de livro ainda inédito do prof. Dr. Ed King, da Universidade de Bristol, na Inglaterra, que pesquisa obras de ficção científica com o tema do pós-humano criadas na América Latina.

Como artista transmídia teve sua tese de doutorado "Perspectivas Pós-humanas nas Ciberartes" premiada no Rumos Itaú Cultural SP em 2003, e tem produzido trabalhos de web arte, HQtrônicas e instalações interativas, também mantém o projeto musical performático Posthuman Tantra, com CDs lançados em 3 continentes e apresentações performáticas realizadas em 4 regiões do Brasil.

Atualmente é professor adjunto da Faculdade de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, onde também atua como professor permanente no Programa de Mestrado e Doutorado em Cultura Visual da FAV/UFG.

Apesar de seus quadrinhos serem considerados do gênero poético-filosófico por inovar na linguagem quadrinhística, - inclusive nos requadros e diagramação, - o que permite propor experimentações, Franco não procura limitar-se a nenhuma estética específica, e só se identifica com o termo poético-filosófico (criado por ele) justamente por permitir-lhe essa liberdade criativa inerente.

Na obra de Franco, impregnada de uma forte carga simbólica de influências ocultistas, a maior riqueza não reside em uma mera leitura literal dos símbolos, e sim no conjunto de sua obra estética e poética, que envolve o leitor e expressa através das imagens, textos e ideário, uma jornada cósmica vivenciada por ele e transposta em suas criações, que, enquanto mago-alquimista, transmuta as experiências ordinárias em lições preciosas da Senda na busca pela transcendência.

Por estar no universo da educação, pude vislumbrar múltiplas possibilidades de utilização de seus quadrinhos, uma abordagem interdisciplinar nos mais diversos níveis de ensino. No prefácio do álbum “Biocyberdrama Saga”, por exemplo, o saudoso amigo e pesquisador Dr. Elydio dos Santos Neto sugere temas que podem ser abordados em sala de aula ao apresentar aspectos da arte e tecnologia implícitos na obra: transformações tecnológicas; ficção científica; genética; cibernética; questões filosóficas, religiosas, científicas

e éticas (e bioéticas); clonagem; transgênicos; hibridização animal e vegetal; mutação; transplantes; criação de órgãos em laboratório; retardamento da velhice; imortalidade; inseminação artificial; inteligência artificial; robótica; religiosidade; tecnognose; criação; essência; populações nativas; bem como trabalhar com os alunos a pesquisa sobre os artistas, cientistas, filósofos que inspiraram a obra como Stelios Arcadiou; Max More; Roy Ascott; Baudrillard; Hans Moravec, Laymert Garcia dos Santos, só para citar alguns. Temas e personas completamente atuais e vinculados à ciência, tecnologia e sociedade, podendo ser um rico material pedagógico para suscitar debates e reflexões acerca dos usos, da ética, da filosofia, da humanidade e pós-humanidade, da Ciência tecnologia e sociedade (CTS). Como disse Ezra Pound, "o artista é uma verdadeira antena de nossa raça", analisando os quadrinhos de Franco pode-se constatar que além de ser visionário por sua profunda sensibilidade, apresenta-nos não apenas arte, mas verdadeiras predições sobre os rumos da humanidade nas questões abordadas.

Esta edição especial da Revista Nós traz – a incrível - arte da capa criada pelo próprio Edgar Franco, e ainda uma HQ exclusiva, colorida e inédita chamada “Desvelar”, cuja mensagem mais evidente em seus símbolos e significados é a crítica à cultura humana que se distrai e ilude-se com dogmas e alienações diversas, que vão desde o consumismo, a ideia de romantismo, às lutas sexistas, política, religião, a tecnologia mal utilizada etc., entretenimentos que nos afastam de quem realmente somos, de nossa essência. Creio que já chegamos ao mundo com as chaves do Cosmos, mas cabe a cada um mergulhar em si mesmo e "resgatar-se", reencontrando esse guardião interior, ou seja, ser seu próprio mestre e promover a autorevolução.

Tanto a capa dessa edição quanto a HQ são sigilos criados com base na tradição de sigilos do artista magista inglês Austin Osman Spare, recontextualizados para o universo da Aurora Pós-Humana, constituindo-se um dos processos criativos experimentais inventados pelo Ciberpajé, o que enriquece ainda mais o dossiê. Enquanto leitora, a meu ver, é muito interessante poder apreciar a HQ e ainda ler o breve relato do artista acerca do processo criativo, que embora nos revele curiosidades sobre os bastidores de criação, não expõe completamente suas simbologias e intenções. Com isso, este dossiê fica não só mais belo nos proporcionando esse deleite estético, como traz a junção perfeita entre a teoria acadêmica e a prática criativa, signos que representam bem as características de artista, mago e pesquisador que o Ciberpajé incorpora em sua vida e fazer artístico.

Por fim, ressalto que as obras de Edgar Franco, sua atuação na arte e na área do ensino, além de suas palestras que extrapolam o âmbito acadêmico, podem ser apropriadas de diversas formas. Entretanto, independente das apropriações, elas são um chamado para que cada pessoa se sinta provocada a pensar em si mesmo, em suas buscas, em seus abismos, a terem coragem de mergulhar em si e encontrar sua verdadeira arte. Um convite para que cada pessoa possa compreender que a única revolução possível, a mais necessária e urgente é a revolução de si mesmo, e isso só se inicia quando focamos na busca pelo autoconhecimento, questionando nossa própria missão na jornada.

A obra de Franco provoca – a quem que se propõe o mergulho, - a ser colocado diante de si mesmo, a sair do estado uterino, a ficar diante das sombras e paradoxos, a abraçar o bem e o mal que nos compõem. Tudo isso em um processo de reconhecimento dos aspectos do inconsciente coletivo partilhados por toda humanidade, sobretudo o amor incondicional, a auto aceitação, e a auto cura despertando para a ideia de que somos todos partes de um todo cósmico. Incômodo, encantamento, inspiração, ojeriza, estranhamento, êxtase... Uma coisa é certa, quem conhece a figura do Ciberpajé e/ou tem contato com suas obras não fica imune a seu impacto.

